

## A estranha língua que me habita

Marcelo José Derzi Moraes<sup>114</sup>

### Resumo

Esse texto aborda a questão da língua no contexto colonial, etnocêntrico e logocêntrico em que quase sempre está inserida. A partir de Derrida e da desconstrução, vamos pensar o transbordamento da língua para além da língua falada e escrita. Pensando uma língua enquanto uma escritura, esse texto tensiona e liberta a língua da clausura do *logos* eurocêntrico, permitindo que sua estranheza se manifeste como sua força e potência a partir de uma escritura-outrem.

**Palavras-chave:** Desconstrução; língua; colonialidade; escritura.

### Résumé

Ce texte aborde la question du langage dans le contexte colonial, ethnocentrique et logocentrique dans lequel il s'insère presque toujours. Basé sur Derrida et de la déconstruction, nous réfléchissons au débordement du langage au-delà du langage parlé et écrit. Pensant le langage comme une écriture, ce texte tend et libère le langage de clôture du *logos* eurocentrique, permettant à son étrangeté de se manifester comme sa force et sa puissance d'après de l'écriture-autre.

**Mots clés:** Déconstruction; langage; colonialité; écriture.

*As “pessoas deslocadas”, os  
exilados, os deportados, os  
expulsos, os desenraizados,  
os nômades, têm em comum dois  
suspiros, duas nostalgias: seus  
mortos e sua língua.  
Jacques Derrida*

Hegel diz que Édipo é o primeiro homem. Não se trata exatamente do primeiro homem vivo, mas, a primeira ideia de homem universalizada. Partindo dessa ideia, podemos, então, perguntar: haveria algo anterior ao homem? Visto que esse homem, Édipo, que irá se projetar para todo o por vir do Ocidente, se revela no seu encontro com a Esfinge; sim, existe algo ou alguém antes do homem. Assim, percebe-se que algo, ou alguém, ou mesmo alguma coisa colocou uma questão para Édipo. Quem colocou a questão? A esfinge. Um ser-humano? Não. Um monstro, um híbrido, um ser que mistura dois reinos, o reino animal e o reino humano, corpo de leão e cabeça de humano. Diante disso, essa esfinge, esse monstro, esse híbrido, que carrega dois reinos animais, também seria anterior ao próprio animal, já que ela carrega o devir-animal, além do devir-homem. Sendo assim, o monstro, esse ser estranho, seria anterior ao

<sup>114</sup> Doutor em Filosofia pelo PPGFIL da UERJ. Professor adjunto da Faculdade de Formação de Professores da UERJ e Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva – UERJ/FIOCRUZ/UFF/UFRRJ. Coordenador do Grupo de Estudos Negritudes e Transgressões Epistêmicas – Gente – CNPq.

homem e ao animal. Ora, essa dualidade de reinos, na Esfinge, pode ser compreendida de uma forma em que, possuindo a cabeça de humano, a Esfinge fala e pensa como humano, mas, tendo o corpo de leão, ela age de forma violenta e instintiva. Nesse sentido, a Esfinge é monstruosa não apenas por ser um ser híbrido, metade humano e metade animal, mas, porque seu lado animal não seria possuidor de uma racionalidade e de uma discursividade. Dessa forma, a Esfinge se compromete por seu lado animal. Mas, uma coisa é certa, na origem, é o monstro. Um monstro que fala, mas fala qual língua? Qual é a língua do monstro? A fala de um monstro sempre irá chamar atenção por ser uma fala estranha, tenebrosa, cavernosa. Assim, percebemos no dilema colocado pelo filósofo Adriano Negris, *pode o animal falar?* Sabemos que Aristóteles diferenciou o humano do animal pela fala, pela linguagem, pelo *logos*. Essa linguagem sempre se confundiu com a sua própria racionalidade. Nesse sentido, vale a pena lembrar que traduzimos *logos* tanto para linguagem quanto para razão. Essas, por sua vez, seriam exclusividade do homem. Pela mitologia grega, o monstro híbrido só falou por possuir um lado humano. Porém, sua língua é escritural, uma escritura-outrem, que sendo cavernosa, vindo de longe, das margens, do subterrâneo, ecoa na sua estranheza sua monstruosidade. Lembrando que, desde o Fedro de Platão, sabemos que a escritura sempre seduz, nos conduz às margens, aos limites da *pólis*. Nesse sentido, a escritura-outrem sempre irá nos seduzir e desviar dos caminhos retos. E é no momento do desvio, ao chegar nos limites conduzidos pela escritura-outrem, que o homem encontra o animal, o monstro, o diferente, o outro. Assim, é preciso pensar uma escritural animal.

O monstro, a monstruosidade de uma escritura-outrem é a própria *arque*. *Arque* enquanto origem, *arque* enquanto comando, mas, também, *arque* enquanto fundamento, uma vez que é a Esfinge, o monstro, uma criatura que coloca a questão sobre e para o humano. E é a Esfinge a primeira a falar, falando uma fala espectral, monstruosa, estranha. O humano, então, é aquele que vem depois do monstro. O monstro, assim, é aquele que coloca uma questão, a questão que desafia o homem a dizer quem ele é, o que ele é. Diante da questão, Édipo precisa responder, porque, se não responder, é devorado pelo monstro. Ora, esse, talvez, seja um dos primeiros momentos fundacionais de maior orgulho que o homem branco europeu moderno inventou para si mesmo: o desafio diante de um enigma para se dizer quem é, e a superação daquilo que não é humano.

Nesse cenário de perguntas e de respostas, algo é fundamental no jogo dos enigmas da fundação do Ocidente, a saber, uma suposta crença de que a língua dará a resposta à questão colocada por uma outra língua. A língua e a decifração são os elementos fundamentais da base para a origem do homem ocidental. Pois, pela língua, se chega à verdade. Acredita-se que, entre

Édipo e a Esfinge, um acordo de entendimento foi possível pela língua; e, pela língua, Édipo se inventa e se coloca como superior à Esfinge, ao monstro: Édipo vence a Esfinge. Porém, nunca se perguntou sobre um possível ruído na fala ou na escuta, tanto por parte de Édipo quanto por parte da Esfinge. Mas, uma coisa é certa, nessa cena fundadora do Ocidente, escolheu-se por dar fé, por acreditar que, entre o humano e o monstro, um acordo foi firmado, e se firmou pela língua. Era possível confiar nesse acordo. Todavia, não descartamos que, nesse diálogo entre Édipo e a Esfinge, um estranho eco ecoou se repetindo e se lançando ao por vir. Esse eco se repetiu, excluindo e recalçando qualquer língua de seres diferentes, estranhos ao modelo universal ocidental. Qualquer língua falada, diferente de quem contava a história da vitória, foi tratada como cavernosa, como ruídos, uma língua espectral.

Uma língua estranha, um estranho e sua língua são sempre familiares. As estranhezas familiares nunca são tão desconhecidas. Quando se pressupõe o domínio e o conhecimento da língua de outrem, passa-se ao processo de imposição de uma língua dominante, um processo colonial. De caráter espectral, a língua sempre ronda de tempos e tempos. Assim, no debate colonial, uma língua dominante acaba por excluir e rebaixar a língua do colonizado. A língua que falamos é sempre uma língua estranha. É a língua do colonizador. Mas, qual seria então minha língua, já que toda e qualquer língua sempre me coloniza? Não temos como escapar. Ao nos lançarmos no mundo, uma língua nos coloca diante do mundo. Somos refém dela, e o que nos resta é, no mínimo, jogar com ela, pois alguém sempre quer me colonizar com sua língua. Diante disso, atentos à violência da língua, Roland Barthes a acusará de fascista, não apenas por muitas das vezes nos impedir de falar, mas por nos fazer falar o que ela quer. Assim, acreditamos que uma escritura-outrem é uma possível rota de fuga para desestabilizar e deslocar estruturas fixas e hierárquicas que rebaixam outras escrituras e impõem uma língua dominante dentro de uma lógica de poder.

Desde a *Gramatologia e A escritura e a diferença*, passando pela *Farmácia de Platão* até *O monolinguismo do outro*, Derrida nos lembra que é preciso pensarmos outras escrituras, tanto na fala oral quanto na escrita. É preciso pensar uma escritura-outrem ou outra língua, uma língua enquanto escritura, uma língua como *phármakon*. Além disso, tanto a língua quanto a escritura, a língua enquanto escritura, carregam em sua lógica a ideia de parasita, portanto, de colonização. Dessa maneira, a mesma língua que coloniza é a língua que permite descolonizar. Já que a língua é habitação, habitar a língua ou ser habitado por ela pressupõe uma certa lógica do intruso, da ordem daquilo que me coloniza, que me habita. Assim, o que fazer com essa língua? Como produzir uma escritura, uma língua que resista a uma certa violência colonial? Como produzir uma língua ou uma escritura que liberte e que não colonize?

Todo discurso de colonialidade dos povos não-europeus, não-ocidentais, passou pela negação da razão e da linguagem. O filósofo Rafael Haddock-Lobo nos lembra que, desde *A gramatologia*, Derrida está apontando para um certo etnocentrismo da linguagem e para a desconstrução de uma colonialidade. Sabemos que, por meio da técnica, do discurso da técnica, da técnica enquanto discurso, a Europa colonizou as sociedades ditas sem história, sem escrita, sem estado, sem pensamento, sem alma, sem *logos*, sem luz. A negação de tudo isso é um epistemicídio, diz Mogobe Ramose. Em *Brutalismo*, Mbembe aponta que o homem ocidental via na linguagem o seu mais alto grau de elevação, a mais notável realização humana. Vale a pena lembrar que Heidegger quando diz que a linguagem é a morada do ser, está colocando em jogo a valorização da linguagem e sua importância. Nesse sentido, o homem ocidental necessitava garantir essa grande realização. Assim, foi preciso um pacto entre a linguagem e a técnica, uma vez que a linguagem produziria a verdade. Desse modo, a técnica foi entendida como aquilo que possibilita fazer, realizar, pensar linguagem como ferramenta, um instrumento que possibilitaria a evolução e o desenvolvimento das sociedades ocidentais. A junção dessas duas, a linguagem e a técnica, tinha como única função revelar a verdade. Essa era a promessa que a técnica lançava ao porvir. Nesse contexto colonial, qualquer tipo de linguagem falada ou escrita que não passasse pelo crivo da técnica, seria menor, secundária, sem valor.

Nessa lógica do estranho, da estranheza, surge a estrangeiridade de uma língua estranha que chega de forma cavernosa, horripilante aos ouvidos. Toda língua é outrem, toda escritura é outrem. Não quero ver essa língua chegar, mas ela chega, e me ocupa, me habita, me torno refém da minha língua e da língua do outro. O que fazer ao escutar essa língua estranha, esse estranho que chega? Em *Margens da Filosofia*, Derrida aposta em timpanizar a filosofia, promovendo o que podemos chamar de uma escuta incondicional. Édouard Glissant reforça a importância de escutar o outro para ampliarmos a dimensão espiritual da nossa própria língua. A escuta do outro, do estranho, enquanto escrituras e línguas outrem, dão margem, ecoam para os centros, assombram os centros, mas deixam as margens incapturáveis pelo princípio de identidade e de não-contradição. Uma escritura louca, vadia, trans, anormal, estrangeira, monstruosa, pobre, popular, indígena, marginal, negra, árabe, feminina, deficiente, animal, animalesca, diferente, são sempre estranhas a uma língua dominante; são sempre, portanto, estrangeiras, e possuem sua própria língua que ameaça a língua do poder. Dessa maneira, toda escritura-outrem é, como diz Édouard Glissant, ecos-mundo, que se lançam ao por vir provocado desvios e transformações.

Em *O Anjo Exterminador* do Buñuel, percebemos o esgotamento da linguagem quando não mais suporta a violência colonial da relação burguesa. Nesse esgotamento, se produz as

mais sinistras escrituras nas relações entre pessoas. Buñuel nos permite assistir à cena da família como a cena do esgotamento da linguagem. O que nos resta depois do jantar no qual todos estavam de acordo, falando entre si numa língua que garantia a civilidade? A violência das relações e o fim de uma língua dominante. A estranheza sempre se revela pela língua ou pelo esgotamento da linguagem. É diante da escritura-outrem que a estranheza se manifesta e assombra. A língua, enquanto escritura-outrem, revela aquele que chega. Em *A Metamorfose*, Kafka nos mostra que a estranheza se revela quando Gregor Samsa, transformado em um animal, ao invés de responder à sua irmã com uma língua conhecida, produz ruídos. Gregor não era mais humano, transformou-se num monstro, num animal, num inseto, num inumano, e a língua o entregou. A língua é aquela que entrega, que anuncia, que denuncia. Por essa razão, muitas vezes me calo, até porque, a fala entrega também aquilo que não quero entregar.

Nietzsche, em *Amigos fantasmas*, diz que treme diante das vozes daqueles amigos que pouco mudaram, que não amadureceram e que, ficando no passado, nos trazem uma lembrança que não queremos mais lembrar. Nietzsche, então, nos mostra essa força assombrosa da língua enquanto escritura, que assombrando, espectral, se lança para um futuro trazendo as marcas do passado. A língua é esse ser espectral estranho que tentamos dominar, mas a língua sempre escapa, sempre entrega. É por essa razão o desespero de ter o controle da língua, da escritura, porque ela entrega, ela vacila.

Nessa lógica parasitária, habitando e sendo habitado, somos obrigados a carregar essa estranha coisa, essa monstruosidade que nos habita, que nos constitui. Por essa razão, no contexto da língua, a repressão e o recalque estão sempre presentes. Manter algumas línguas na escuridão é tarefa de controle e dominação colonial. Porém, saber operar essas línguas na escuridão, nas margens, contaminar a luz e os centros, é tarefa das línguas e escrituras marginais. Assim, entendendo que nunca nos livramos totalmente do outro, que é impossível se descolonizar, porque todo contato com o outro já provoca uma modificação, que é impossível se livrar do estranho sem deixar seus rastros; uma escritura-outrem é aquela que, contaminada, sempre irá contaminar os discursos e práticas de pureza. A escritura-outrem é o indesejável.

A estranheza e o medo de uma escritura-outrem é que ela chega, e que pode nos habitar, nos fazendo refém. Enquanto um intruso, a língua sempre vai espectralar, pois ela é espectro. Em *Das unheimlich*, Freud aponta que o estranho familiar começa pela estética, pelo belo e pela sensação. Diante de uma escritura-outrem, do horror, da angústia, da aterrorização da chegada de outra língua, uma língua estranha, não posso negar uma certa familiaridade. Mas, a nego, porque não é minha. Ora, Freud nos lembra que o familiar é diferente do estranho, mas o estranho tem sempre algo de familiar. Tornando-me estranho, vejo minha escritura, minha

língua se apagar. Para Schelling, o estranho é aquilo que deveria ter ficado nas sombras, mas que veio à tona. E o que vem das sombras é o outro enquanto escritura, uma escritura-outrem que chega e precisa ser controlada.

Em seu texto *O intruso*, Jean-Luc Nancy mostra que o intruso se introduz à força, de surpresa; que, possuidor de uma astúcia, mas sem direito, sem ser admitido, é um forasteiro, um fora da lei. Sendo o intruso aquele que é de fora, a escritura-outrem é sempre intrusa, sempre de fora, sempre fora da lei, estranha, estrangeira. E é diante da hospitalidade que Derrida está sempre preocupado com os limites impostos àquele que chega, que, diante de soleiras, fronteiras, encontra os limites. Os limites, esses, estabelecidos para o estranho, para o estrangeiro, que começam no momento que exijo dele falar minha língua. Essa violência da língua é a violência da exclusão, a violência do limite, a violência contra uma escritura-outrem. Por essa razão, que uma escritura-outrem confunde e borra limites e fronteiras.

O mundo grego antigo é o mundo da estrangeiridade. Tanto Odisseu quanto Heródoto nos mostram que a relação com o outro, como *ksénos*, com o estrangeiro, constitui a Grécia antiga. A questão da hospitalidade está presente em todas as sociedades antigas, e ainda hoje é um problema internacional. A questão da hospitalidade, por sua vez, é uma questão da língua. Então, como receber aquele que não fala minha língua? Desde os gregos, o limite entre hospitalidade e hostilidade estava presente. Na tentativa de não ser um fora da lei – *anomos* –, tanto hóspede quanto hospedeiro vivem o terror de ser refém, de perder o seu lugar para o estrangeiro. O risco de se tornar refém do hóspede ou refém do hospedeiro está na lógica de um acolhimento incondicional. Deixar o outro chegar sem impor a sua língua, respeitar a escritura-outrem chegar, saber lidar com o *phármakon* da hospedagem e da parasitagem só é possível diante do risco de saber chegar e deixar chegar. A língua do acolhimento é a da hospitalidade incondicional. É esse risco que precisamos correr se queremos acolher o outro. É saber que aquela escritura-outrem vai provocar e espectralizar minha língua, minha casa, meu lar.

O hóspede, enquanto um sujeito hostil, por não falar minha língua, por trazer sua escritura, é sempre um estranho familiar, um estrangeiro, que, quase sempre na própria casa, diante da violência da língua do déspota familiar, se vê sempre como o outro, como hóspede. Esse devir-estrangeiro que muitos carregam, que não os permite se sentir em casa, nunca, em lugar nenhum, o torna o hóspede indesejado, um intruso familiar. Lembrando que, desde Freud, já sabemos que o Eu não é senhor nem na própria casa. Nesse sentido, a escritura do inconsciente, a fala de um outro-eu, são línguas e escrituras-outrem que me constituem. Não tenho controle e nenhum domínio delas. Quando Lévinas, em um primeiro momento, diz que o sujeito é hospedeiro e, mais de dez anos depois, vai dizer que o sujeito é refém, Lévinas está

apontando para o caráter espectral do sujeito, a saber, aquele que é habitado por um outrem infamiliar, indesejado, aquele outro de mim, que uma hora chega, a saber, Gregor Samsa de Kafka. Em outras palavras, eu hospedo e sou refém de uma língua que adoto como minha, mas que diz quem eu sou. Diante disso, o que fazer com essa língua que me habita e que me registra como outrem? Acreditamos que a única maneira de não sermos engolidos pela língua do outro, até mesmo o outro de mim, é jogarmos com as línguas, é provocarmos ruídos nas línguas e escrituras.

Na *Odisseia*, Ulisses, diante das sereias, usa da *techné*, da técnica, para ter controle da língua das sereias. Ulisses queria capturar as sereias pela fala, pela língua, usando da técnica. Mas, não entende que é no silenciar das sereias que elas promovem a mais forte das resistências da língua, da escritura: o silêncio. Calo-me, assim, você não me captura. Mas, se falo, falo minha língua, minha escritura. Em *A tempestade*, de Shakespeare, Calibã, o monstro, o outro, o colonizado e escravizado, aprende a língua do invasor, do colonizador com uma única tarefa, espraguejar seu algoz. Seja pelo silêncio ou pelo domínio da língua do outro, a questão sempre é reconhecer que, com a língua, eu posso jogar e, com ela, se joga para bagunçar ou colocar *o tempo nos eixos*.

Em *Pele negra, máscaras brancas*, Frantz Fanon a partir da Martinica; e Derrida, em *O Monolinguismo do outro*, a partir da Argélia; cada um, à sua maneira, aponta a violência da língua dominante. Tanto Fanon quanto Derrida mostram o quanto a língua dominante produz uma violência do habitar, do chegar e dominar nossos corpos, nossas mentes e nossas falas. Ambos os autores mostram que, diante da língua dominante, nos resta dominá-la ou sermos dominados por ela. A língua do colonizador, como a Lei, como a Lei da casa, não só marginaliza como apaga e reprime línguas e escrituras-outrem que tentam, cotidianamente, escapar da violência da língua imposta. Enquanto, em um autor, a língua francesa violenta o crioulo; no outro autor, o francês violenta o árabe. Colonizados pelo francês, ambos reconhecem que o francês os habita, mas, que é preciso resistir às ressonâncias da língua francesa, levando-a ao esgotamento, produzindo uma língua francesa contra ela mesma.

Uma língua tem pretensão de identidade, mas também sabemos que toda língua é uma invenção. Nesse sentido, quem pode se dizer possuidor, proprietário de uma língua? Conduzindo a língua ao seu esgotamento, fazendo-a dizer o que ela não quer dizer, deixando vir um desejo, uma força, que rompa com os princípios de identidade e de não-contradição, é preciso falar a língua não falada, a língua das esfinges, uma língua enigmática; é preciso não dar de bandeja a escritura para outrem. Quando os invasores não compreendem a língua de Calibã, ficam inconformados e preocupados. Mas, quando Calibã fala para o outro não entender,

está produzindo seus feitiços; o feitiço da língua, da escritura, que se manifesta quando o outro se perde na escritura infamiliar. É preciso, então, falar mais de uma língua, não mais de um idioma. É preciso deixar que a dobra da língua se manifeste, que seu espectro apareça, pois sempre falamos muitas línguas.

Na espectralidade de habitar e ser habitado por uma língua ou mais línguas, entendemos que não há uma essência da língua, que temos e não temos uma única e só língua, que ela não é minha, mas é somente minha. Sou monolíngue, diz Derrida, mesmo falando outras línguas, idiomas, mesmo tendo minhas singularidades, minhas escrituras. Não há essência, não há inatismo cartesiano, não há identidade enquanto uma essência determinada a priori. Defender isso é acreditar na natureza da língua como inata. Uma língua me habita, mas nem sempre eu a habito. Ela não é natural, mas ela me constitui, me constrói e me desconstrói. Sendo anterior à fala, a língua é uma arque-língua, sem origem, sem fim, sem comando, sem fundamento. Uma língua está sempre por acontecer, está sempre por vir; uma língua, uma escritura enquanto um pensamento que não quer dizer nada, sem destinatário ou remetente, uma promessa, um desejo, uma abertura. É preciso inventar línguas. Derrida explica que não falamos mais de uma língua, e essa língua são muitas, porque não há uma só língua, não há um idioma puro. É preciso reconhecer que toda escritura, toda língua mistura as fronteiras das línguas, se deixando contaminar pela diferença.

O que fazer, então, com a língua que me coloniza e que não deixei chegar, mas que chegou e me constituiu em quem eu sou? Numa promessa de me descolonizar da língua que me habita, talvez, começar como Calibã espraguejando deus e o mundo. Talvez, assumir que a língua que me coloniza, que não é pura, se contamina e se mistura ao estar no mundo. É saber, como diz Lélia Gonzalez, que, no Brasil, falamos pretuguês, e que isso, com certeza, não estava no projeto colonial. Talvez, pensar como bell hooks, e usar a língua do colonizador contra ele e, por meio da arte, reinventar a língua do colonizador; combatendo todo racismo e preconceito linguístico, toda xenofobia linguística, e assumindo que, no jogo das escrituras, a língua é sempre mais que uma e una; ela é intrusa, ela habita e modifica. O pretuguês é aquela herança espectral cavernosa que nos chega. O pretuguês é o intruso, o estranho familiar no português colonial, que permite inventarmos diferentes formas de relação e de viver.

A língua é uma invenção, um acontecimento. As línguas e escrituras se inventam e se reinventam; é sempre pelas margens que se constroem e se deixam vir línguas e escrituras-outrem; elas habitam e contaminam a língua dominante. Pelos múltiplos códigos, escrituras e línguas das ruas, é preciso pensar uma língua enquanto escritura, que se manifesta e se lança pelas ruas da cidade, produzindo códigos outrem que permitem que comunicações sejam feitas,

é uma forma de combater uma língua dominante e colonial. Nesse sentido, não apenas a invenção de novas escrituras como reinventar as escrituras e línguas dominantes permitem uma ampliação do mundo e do real, produzindo deslocamentos e novas formas de entendimentos e de manifestação de *ethos* reprimidos e recalçados. Dessa maneira, algumas escrituras circulam pelas cidades e pelos espaços urbanos de forma espectral, produzindo uma forma de deslocamentos, de aporias que, fechadas, se abrem ao por vir criando rotas de fuga jamais imagináveis. É preciso usar a língua do colonizador contra ele, tensionando, inventando e reinventando. É sempre preciso usar a língua contra todas as tentativas de uma violência da língua.

No debate da reinvenção, da invenção de uma língua e de uma escritura-outrem, a melhor forma de fazer a língua dominante tremer é promover deslocamentos que abalem sua segurança em seu espaço dominante. Da mesma forma que uma língua dominante transborda dos centros e se impõe às periferias das cidades e do mundo, é preciso promover práticas que contaminem essa centralidade da língua dominante. Assim, é nas bordas e limites criados para manter cada escritura em seu lugar que precisamos começar por contaminar as bordas desse limite. É na borda, chegando, estando, espectrando, que as línguas se contaminam, que as línguas começam a produzir uma escritura-outrem.

As estruturas, que mantêm as bordas, os limites e as hierarquias seguras, são sustentadas nessa força de uma língua e de uma escritura dominante. É pela escritura que escala-se a marquise e marcar-se nas alturas uma escritura que ali permanecerá sempre vista, mas sem ser entendida; sempre à mostra, mas não compreendida, não traduzida, não absorvida. Produzida na escuridão, no cair da noite, essas escrituras das sombras permanecem à sombra mesmo que vistas. São espectrais na medida que estão e não estão ali; à mostra, mas não são vistas; manifestas, mas não compreendidas.

As escrituras das sombras são línguas das margens, produzem um fenômeno, mas não são apreendidas. Todas as tentativas de tradução dessa língua são violências interpretativas que quase sempre se dão com o intuito de um encerramento, de um enclausurar uma língua-outrem. No momento que essas escrituras começam por ocupar os espaços dominantes e centrais, fazem desses centros margens das margens. Assim, textos, ruas, becos, museus, muros, prédios, marquises, esquinas, praias, trens, ônibus, orelhões, banheiros públicos, cada canto da cidade tem suas bordas apagadas e redesenhadas; bordas e limites passam a ser escrituras que, de forma espectral, somem e aparecem, se deslocam e se centralizam, descentralizando centros. As escrituras da cidade são línguas que habitam e que promovem estranhezas. São muitas as tentativas de apagá-las. Porém, todas as tentativas de apagar ou excluir essas escrituras-

paisagem permitem que elas se reinventem e que retornem na força do retorno espectral. Nesse sentido, essas escrituras-outrem retornam na força de seu *ethos*, construindo uma ética, um modo de ser. Rafael Haddock-Lobo, por exemplo, nos ensina o quanto a produção de uma escritura pelos pés é possível, nos ensinando a pisar devagarinho. Já a filósofa Dirce Solis nos ensina que a escritura-outrem, do modo de ser marginal, é a abertura para uma democracia por vir.

Pierre Clastres, em *A sociedade contra o Estado*, invoca o texto *A colônia penal de Kafka*. Kafka nos mostra uma escritura que estaria a serviço da Lei. Mas, tanto nas sociedades ocidentais quanto não-ocidentais, a escritura tem o papel de direcionar a sociedade. Sabemos que Lévi-Strauss e tantos outros negaram a escritura aos povos indígenas; no entanto, o que Clastres nos apresenta, é que a escritura das sociedades indígenas produz uma Lei. Derrida, por outro caminho, apresenta a escritura indígena para além da escrita fonética. Esses dois autores estão trazendo a potência da escritura para além da clausura da escrita logocêntrica. Assim, sendo essa escritura a lei, estando ela no corpo ou fora dele, essa lei tem que estar em nós, escrita em nós, como é o caso de algumas comunidades indígenas e africanas. É preciso pensar que o corpo produz escrituras. Essas são escrituras-outrem. A escritura no corpo sempre teve a função de marcar uma lei ou uma verdade, sempre produzindo códigos. O ato de marcar, de inscrever no corpo, como também é feito nos animais, fora produzido em todas as sociedades, seja para produzir uma violência e reforçar uma lógica de poder ou para produzir um modo de ser e de existir, no qual me relaciono com o outro.

Essa língua escritural, que também é espectral, assombra e retorna, se apresenta e se ausenta, se lança num por vir, carrega um passado, uma história. A escritura-outrem produz novas lei no estado de exceção constante que é a vida. A escritura é sempre uma herança, uma língua, é uma memória que se reinventa. Uma língua e uma escritura-outrem é a possibilidade de deixar vir *ethos* que são reprimidos em nossas sociedades, de diversas maneiras e formas. Cada corpo, humano ou não-humano, é uma escritura, é uma língua, uma escritura-outrem que se manifesta e que pode ou não ser interpretada, que está sempre sujeita à interpretação de outrem, quase sempre violenta. É produzindo escrituras que intencionam que podemos operar com transbordamentos da língua e, assim, fazer tremer a clausura colonial da língua.

Pensar uma língua que chega, uma escritura-outrem, promover uma desobediência escritural da língua dominante, é promover uma ética da escritura, uma ética da língua, que ao respeitar a língua de outrem, deixa manifestar o *ethos* próprio de uma língua que se constitui na relação com o mundo. Nesse sentido, acolher a língua do outro como uma questão de

hospitalidade, é uma questão de ética. Deixa vir novas escrituras, escrituras-outrem, é pensar uma outra ética, a ética dos rastros e dos espectros, uma ética da escritura.

## Referências

- BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 1980.
- BITETI, Mariane de Oliveira; MORAES, M. J. D. Vidas e Saberes Periféricos como Potências Transgressoras. In: *Tlalli Revista de Geografia*. 2019.
- BORGES-ROSARIO; MORAES, M. J. D. HADDOCK-LOBO, R. (org.). *Encruzilhadas filosóficas*. Coleção X. Rio de Janeiro: Ape’Ku, 2020.
- CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Tradução: Nóemia de Souza. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.
- CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado*. Tradução: Theo Santiago. 1ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx*. Tradução: Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Gramatologia*. Tradução: Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Margens da Filosofia*. Tradução: Joaquim Torres Costa. São Paulo: Editora Papirus, 1991.
- \_\_\_\_\_. *O monolinguismo do Outro*. Tradução: Fernanda Bernardo. Porto: Editora Campos das Letras, 2001.
- \_\_\_\_\_. *A escritura e a diferença*. Tradução: Maria Beatriz. 4ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.
- \_\_\_\_\_. *A farmácia de Platão*. Tradução: Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- DERRIDA, Jacques; DUFOURMANTELLE, Anne. *Da Hospitalidade*. Tradução: Antonio Romane. Editora Escuta: São Paulo, 2003.
- FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras brancas*. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2010.
- FREUD, S. *O inquietante*. Tradução: Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GLISSANT, Édouard. *Poética da relação*. Tradução: Eduardo Jorge Oliveira; Marcela Vieira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras*. Diáspora africana: Editora filhos da África, 2018.

HADDOCK-LOBO, Rafael. *Os fantasmas da colônia: Notas de Desconstrução e Filosofia Popular Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Ape'Ku, 2020.

\_\_\_\_\_. *Abre-caminho: assentamentos de metodologia cruzada* Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2022.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MBEMBE, Achille. *Brutalismo*. Tradução: Sebastião Nascimento. São Paulo: N-1 edições, 2022.

MORAES, Marcelo José Derzi. *Democracias espectrais: por uma desconstrução da colonialidade*. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2020.

MORAES, Marcelo J. D.; NEGRIS, Adriano. *Escrituras da cidade: ordem e desordem a partir de Derrida*. In: SOLIS, Dirce E. N.; MORAES, Marcelo J. D. *Políticas do lugar*. Porto Alegre: UFRGS, 2016.

NANCY, Jean-Luc. *L'intrus*. Paris: Éditions Galilée, 2000.

NEGRIS, Adriano. *Pode o animal falar?* In. *Revista de Filosofia SEAF*, Ano: 12. N. 12, 2014.

SOLIS, Dirce Eleonora Nigro. *Espectros e monstros inumanos: Jean Genet em Glas de Derrida*. In: *Revista Latinoamericana del Colegio Internacional de Filosofía*, 2019.

\_\_\_\_\_. *Espacialidades e espectralidades abissais*. In. SOLIS, Dirce E. N.; MORAES, Marcelo J. D. *Políticas do lugar*. Porto Alegre: UFRGS, 2016.